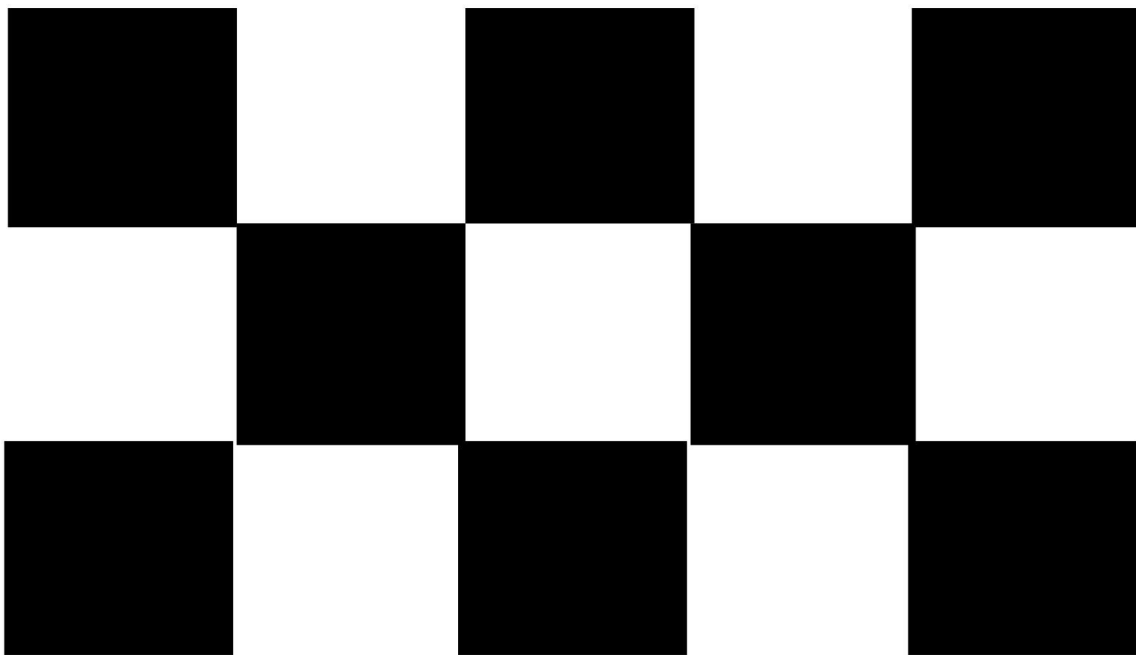
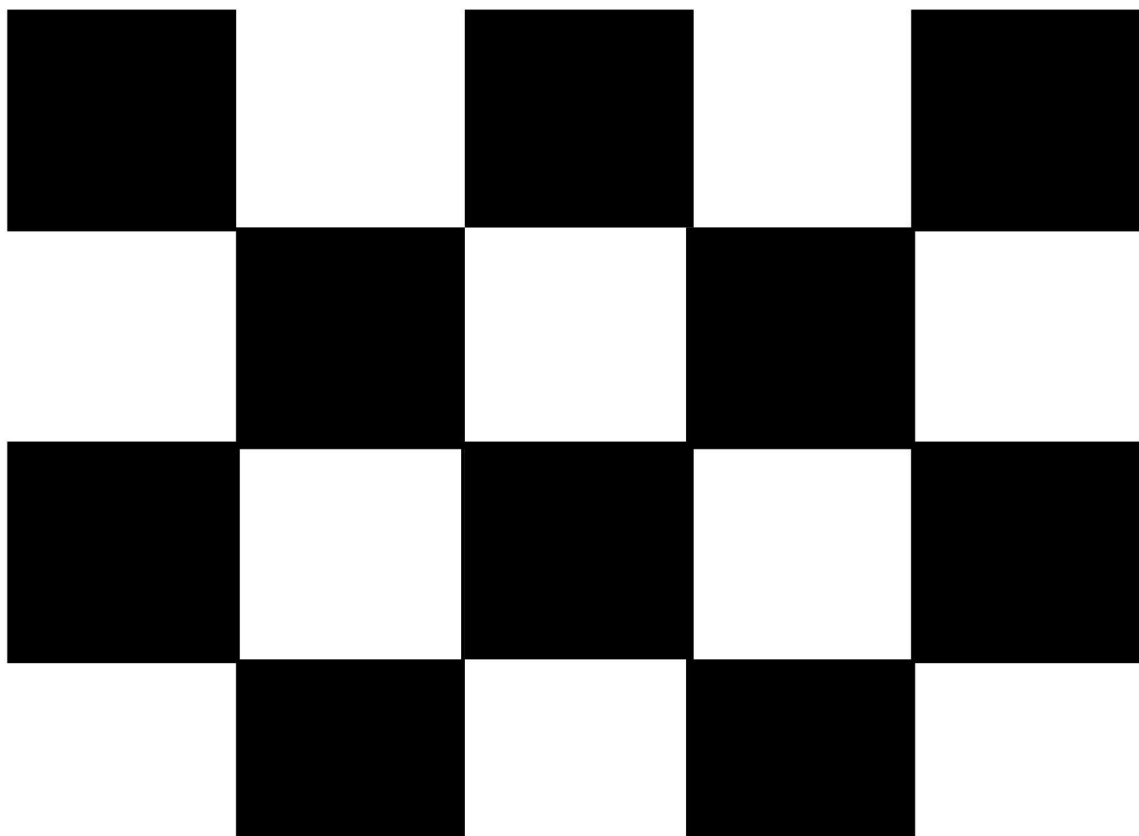


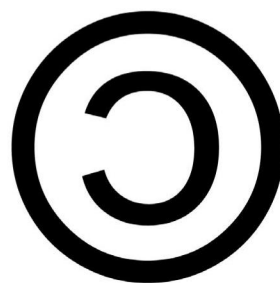


Cultura de Segurança: **Um manual para ativistas**





copyleft



all wrongs reversed

Versão Brasileira do livro “Security Culture: a handbook for activists”.

Cachoeira do Sul - Rio Grande do Sul - Brasil

1ª edição - Primeira Impressão - 2013

ATENÇÃO: Essa obra é de inteira responsabilidade de seus autores

Este manual é a terceira edição do que tem sido a evolução e crescimento de um documento que lida com questões de segurança e ativismo no Canadá. Gostaríamos de dizer um grande obrigado ao Coletivo Opposing Police Brutality (Opondo-se a brutalidade policial), em Montreal, por editar alguns dos textos do panfleto original e adicionar tantos grandes exemplos à seção Informantes e Infiltrados. Temos replicado muitas dessas mudanças nessa edição. Agradecimentos também vão para Eric Drooker cuja obra usamos ao longo deste panfleto.

Para mais informações ou para fazer contribuições para esse documento, por favor envie um e-mail para securitysite@tao.ca

Do original da terceira edição - preparada em Novembro de 2001.

Introdução:

A resistência tem estado em ascensão nos últimos anos, com ativistas adotando mais e mais táticas efetivas para revidar. O aumento de nossas atividades e a eficácia fizeram com que o RCMP (Royal Canadian Mounted Police), o FBI (Federal Bureau of investigation) e a polícia local continuassem a ampliar suas atividades contra nós. Bem como, os eventos de 11 de Setembro e a consequente histeria do estado não foram incidentes pequenos, desta maneira nossos movimentos radicais e revolucionários tem sido e serão alvo de forças repressivas do estado.

Se nós queremos que nossos movimentos de ação direta continuem, é fundamental que comecemos a reforçar nossa segurança e a nos levar mais a sério. Agora é o momento de adotar uma cultura de segurança. E uma boa segurança é certamente a melhor defesa que temos.

Esse é um manual para ativistas que estão interessados em criar e manter uma consciência e cultura de segurança nos movimentos radicais. Nós estamos sempre procurando por contribuições – então, por favor, sintase livre para enviar um e-mail para o coletivo Organizing for Autonomous Telecomms (TAO) securitysite@tao.ca, com qualquer imagem ou texto que você pense que possa contribuir com um manual como esse.

Essa é a terceira edição desse zine que anunciamos, a fim de acrescentar e melhorar o texto original (que ainda carece de melhorias e agradecemos ao trabalho do coletivo Opposing Police Brutality em Montreal pela sua ajuda). Existirão futuras edições desse manual, então continuem enviando sugestões.

Esperamos que você, coloque o material contido aqui, em uso. Agora mais do que nunca é o momento de agir!

Cultura de

O que é, porque precisamos e como fazer...

Segurança

Ativismo e repressão do estado

Esse panfleto tem informações essenciais para que qualquer pessoa associada a grupos que defendem ou usam de ruptura econômica ou sabotagem, roubo, incêndio, autodefesa contra a polícia ou outras táticas militantes. O conselho que segue também se aplica para qualquer um associado com grupos que praticam a desobediência civil, especialmente porque muitas vezes as pessoas atuam em vários grupos ao mesmo tempo e as fofocas rolam livremente entre eles.

Mesmo se você nunca expressou sua política, causando danos materiais, arremessando paralelepípedos, ou sendo preso por desobediência civil, mesmo se você acha que não tem nada a esconder, essas orientações são apresentadas aqui para aumentar a sua segurança pessoal, bem como a eficácia global de nossos movimentos.

A realidade é que os governos de países industrializados miram em grupos que defendem a sabotagem econômica e grupos que não, movimentos que são de franca atuação militante e movimentos que são abertamente pacifistas. Os mecanismos de segurança do

governo servem aos objetivos elitistas, políticos e econômicos do capitalismo. Existem mais de 250 prisioneiros políticos no Canadá e nos EUA que podem testemunhar isso por experiências em primeira mão. Adotando uma cultura de segurança, nós podemos limitar ou neutralizar operações de contra-inteligência dispostas a romper nossa organização política, seja de forma convencional ou clandestina.

Rebeldes camponeses; comunas; libertários; abolicionistas; organizações trabalhistas; revolucionários; de grandes levantes desafiando toda a estrutura política a lutas ambientais e sociais isoladas, as pessoas tem constantemente atuado para criar um mundo melhor. A resposta dos governos tem sido sempre a repressão para preservar o status quo.

Historicamente, as provocações e a vigilância dos governos tem aumentado proporcionalmente ao crescimento dos movimentos de ações diretas. Minimizar a destrutividade da repressão policial requer que nós implementemos e promovamos uma cultura de segurança dentro de nossos movimentos.

Então, o que é cultura de segurança?

É uma cultura onde as pessoas sabem seus direitos e, o mais importante, garantem esses direitos. Aqueles que pertencem a uma cultura de segurança também sabem qual comportamento compromete a segurança e são rápidos para educar as pessoas que por ignorância, esquecimento, ou fraqueza pessoal, participam de um comportamento inseguro. Essa consciência de segurança se torna uma cultura quando o grupo como um todo faz com que violações de segurança se tornem socialmente inaceitáveis no grupo.

A cultura de segurança é mais do que somente apontar comportamentos específicos em indivíduos tais como ostentação, fofoca ou mentiras. É também sobre checar os comportamentos e práticas dos movimentos como um todo para assegurar que nossas práticas opressivas não contribuam com as operações de inteligência realizadas contra nossa comunidade.

Por exemplo, racismo ou sexismo no movimento podem ajudar a espalhar a divergência, expor algumas pessoas à agentes infiltrados e cria aberturas que podem ser utilizadas por operações do estado. Obviamente, nossos movimentos tem muito a fazer antes de tratarmos de questões maiores. O que é importante aqui é reconhecer o quanto que comportamentos opressivos representam uma má cultura de segurança em geral.

Práticas (in)seguras

Ativistas gostam de falar, nós geralmente podemos passar horas e horas debatendo teorias, táticas e estratégias. Isso é muito útil, principalmente para construir nossas análises e nossas atividades, mas em outros casos isso pode ser perigoso.

O QUE NÃO FALAR

Para começar, existem certas coisas que são impróprias para se debater. Essas coisas incluem:

- seu envolvimento ou de outra pessoa em um grupo de ação
- o desejo de outra pessoa de se envolver com um grupo como esse
- perguntar a outros se eles são membros de um grupo
- sua participação ou de outra pessoa em qualquer ação ilegal
- defender ações realizadas por alguém
- seus planos ou de outra pessoa para futuras ações

Essencialmente, é uma péssima idéia falar sobre o envolvimento de indivíduos com atividades ilegais (seja no passado, presente ou futuro). Estes são temas inaceitáveis de discussão independentemente de se tratar de especulação, rumor, fofoca ou algo sobre você.

Atenção: Não é incorreto falar sobre a ação direta em termos gerais. É perfeitamente legal, seguro e desejável que as pessoas falem sobre desobediência e todas as formas de resistência. O perigo reside em citar ações individuais de ativistas ou de grupos específicos.

Três exceções

Somente em três casos é aceitável falar sobre ações específicas e o envolvimento de ativistas.

A primeira situação é quando você estiver planejando uma ação com outras pessoas que participam de sua célula ou grupo de afinidade. Entretanto, essas conversas não devem acontecer por e-mail, chats, telefone, cartas, na casa de algum ativista ou mesmo dentro de um carro, já que essas formas de comunicação são frequentemente monitoradas com grampos e escutas. As únicas pessoas recomendadas para participar da conversa são aquelas que irão participar ativamente da ação que está sendo planejada. Qualquer pessoa que não está envolvida não precisa saber, então não devem saber. A segunda exceção trata-se de quando um ativista for preso e levado a julgamento. Se ele for considerado culpado, o ativista pode falar livremente das ações que ele foi condenado. No entanto, ele nunca deve dar informações que possam ajudar as autoridades a identificar outras pessoas que participaram das atividades ilegais. A terceira exceção é em cartas anônimas ou entrevistas para a mídia (se for realmente necessário). Quando isso ocorre, deve ser feito com o

cuidado necessário para não comprometer a segurança. Algumas dicas sobre técnicas de comunicação segura podem ser encontradas em <http://security.tao.ca>.

Essas são as únicas situações em que é apropriado falar sobre você ou o envolvimento de qualquer outra pessoa em atividades ilegais e de ação direta.

Medidas de segurança

Ativistas mais antigos devem permitir que apenas algumas pessoas do seu grupo saibam sobre o seu envolvimento em grupos de ação direta. Os poucos membros de sua célula, que fazem parte das ações e ninguém mais!

As razões para estas medidas de segurança são óbvias: se as pessoas não sabem, elas não poderão falar sobre isso. Quando ativistas que não compartilham as mesmas consequências sabem sobre quem fez uma ação direta ilegal, essas pessoas são mais propensas a falar quando forem perseguidas e intimidadas pelas autoridades, já que serão as únicas que irão para a cadeia. Até mesmo pessoas de confiança podem ser enganadas pelas autoridades para revelar informações prejudiciais e incriminatórias. É mais seguro para todas as pessoas que participam da célula, manter o seu envolvimento no grupo somente entre si. Quanto menos pessoas souberem, menos evidências existirão em longo prazo.

Comportamentos de quebra de segurança

Numa tentativa de tentar impressionar outras pessoas, os ativistas podem se comportar de maneiras que comprometem a segurança. Você já percebeu que algumas pessoas fazem isso com frequência, ficam fazendo fofocas e se gabando. Alguns ativistas dizem coisas inapropriadas apenas quando bebem, outros vazam informações importantes porque sentiram uma necessidade momentânea para dar alguma dica ou dizer algo que não deveria ser dita principalmente pela vontade de ser aceito. As pessoas mais propensas a cometer quebras de segurança são aquelas que têm baixa auto-estima e desejam muito a aprovação de seus pares. É natural procurar fazer novas amizades e obter reconhecimento por nossos esforços, mas é primordial verificar que esses comportamentos não colocam em risco a sua segurança ou a de outros ativistas. As pessoas que colocam sua vontade em fazer novas amizades como algo mais importante que a luta podem causar sérios danos à nossa segurança.

A seguir, alguns exemplos de comportamentos de quebra de segurança:

Mentir: Para impressionar outras pessoas, tem gente que alega ter realizado ações ilegais. Esse comportamento compromete a sua segurança, já que policiais são incapazes de diferenciar verdades e mentiras, mas também dificulta a solidariedade e a confiança.

Fofocar: Algumas pessoas pensam

que podem fazer novas amizades porque elas têm acesso a informações especiais. Contar aos outros sobre quem realizou atividades numa ação, ou sobre quem não conhece aquelas que participam, ou ainda se acha que sabe de alguém que pode ter alguma informação específica. Espalhar boatos é o tipo de conversa perigosa, pois apenas uma fofoca é suficiente para instigar uma investigação policial ou mesmo para justificar acusações severas.

Gabar-se: As vezes, as pessoas que participam de uma ação direta ilegal podem ficar tentadas a se gabar para seus amigos. Esse comportamento coloca em risco a sua segurança, mas também de outras pessoas envolvidas na ação. Além de automaticamente tornar-se um suspeito, ainda pode levar a reboque para os policiais as informações sobre outras pessoas. Um ativista que se gaba dá mau exemplo.

Ostentação indireta: Esse é o tipo de comportamento das pessoas que fazem muito barulho para informar que desejam se manter anônimas sobre sua participação em protestos e ficar apenas na “surdina”. Algumas delas podem não fazer parte de muitas ações, mas dizem fazer parte de atividades de ação direta, principalmente quando acham que muitas pessoas vão ouvir que estão aprontando alguma coisa.

Quem faz esse tipo de ostentação não é melhor que as pessoas que se gabam, mesmo tentando parecer mais sofisticadas fingindo manter a segurança. No entanto, se falassem seria-

mente sobre segurança, elas deveriam encontrar bons subterfúgios para justificar porque não são tão ativas ou mesmo porque não participam diretamente das ações. Dessa forma poderiam ocultar informações confidenciais de ativistas e não colocariam o grupo de confiança em risco.

Educar para libertar

A triste verdade é que há algumas pessoas que ignoram a segurança do movimento e outras que foram possivelmente criadas em uma “cena” que vive de ostentação e de fofocas. Isso não significa que essas pessoas são ruins, mas isso não significa que eles precisam se informar sobre sua segurança pessoal e do seu grupo. Até mesmo ativistas experientes cometem erros quando há uma falta geral de consciência sobre segurança em nossos grupos.

Por isso que pessoas como você que esta lendo este manual podem ajudar. Devemos promover ações para informar as pessoas cujo o comportamento pode provocar violações de segurança. Se alguém que você conhece está ostentando participações em ações ou espalhando alguma fofoca que possa comprometer a segurança, é sua a responsabilidade de explicar por que esse tipo de conversa não é apropriada.

Você deve se esforçar para compartilhar esse conhecimento de uma forma que incentiva a compreensão das pessoas na busca por uma mudança de comportamento. Isso deve ser feito sem prejudicar a subjetividade de

cada um. Mostre seu interesse sincero em ajudar, mantenha sua humildade e evite apresentar uma atitude de superioridade. Uma abordagem insensível pode aumentar as defesas e impedir a pessoa de ouvir e usar os conselhos oferecidos. O objetivo de abordar estas questões com os outros é reduzir o comportamento inseguro, ao invés de mostrar que você é mais preocupado com a segurança do que os demais.

Fale de suas preocupações e conhecimentos em particular, de modo que a pessoa não sinta como se estivesse sendo humilhada publicamente. Dirigindo-se à pessoa o mais breve possível após a violação de segurança.

Se cada um de nós for responsável por discutir segurança da informação com as pessoas que cometem algum deslize, podemos melhorar drasticamente a segurança em nossos grupos e atividades. Quando as pessoas reconhecem que a mentira, a fofoca e ostentação são inadequadas e que podem causar danos, estes comportamentos terminarão em breve. Através do desenvolvimento de uma cultura em que as violações de segurança são apontadas e desestimuladas, todos os militantes sinceros vão entender rapidamente.

Lidando com problemas crônicos de segurança

E agora, o que vamos fazer com os ativistas que violam repetidamente as medidas de segurança, mesmo após terem sido informados várias vezes sobre elas?

Infelizmente para essas pessoas, a melhor coisa a fazer é cortá-las do grupo. Discutir o assunto abertamente e pedir-lhes para deixar suas reuniões, encontros e organizações. Devido ao aumento da observação em torno de movimentos radicais, novas leis e tratamento classificado como “antiterrorista”, os burocratas exigem sentenças cada vez mais duras para ações políticas e com os tribunais distribuindo longas sentenças para “crimes” políticos, os riscos são elevados demais para permitir que infrações crônicas de segurança sejam permitidas e continuadas.

Através da criação de uma cultura de segurança, temos uma defesa eficaz contra informantes e agentes que

tentam se infiltrar nos grupos. Imagine um informante que, cada vez que pedir informações a outro ativista sobre suas atividades, recebe informações sobre segurança. Seria frustrante o trabalho dele. Quando outros ativistas descobriam que essa pessoa continua a violar as medidas de segurança, mesmo após ter sido informado por diversas vezes, não haverá argumentos para manter a pessoa em nossos grupos. É um informante a menos que teremos para lidar!



Uma breve recomendação sobre o aparato de segurança do Estado



Os recentes atos de repressão contra ativistas na Colúmbia Britânica, na América do Norte e em todo o mundo, trazem luz para a necessidade de discutir, entender e praticar a segurança junto as pessoas de nossos movimentos. O monitoramento policial, infiltração e agentes provocadores são rotineiramente utilizados pelo Estado para coletar informações sobre nossos grupos ou indivíduos para tentar destruir nossas atividades.

Por exemplo, durante as audiências da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC), foi revelado que mais de setenta grupos e indivíduos foram monitorados antes e durante as reuniões da APEC em 1997. A indústria financia informantes e disruptores, como foi identificado em uma atividade de campo do Wilderness Action Group em 1999. Agentes provocadores também tiveram como alvo alguns ativistas de Vancouver, tentando convencê-los a fornecer informações e, assim, quebrar a lei (nossa lei).

O aparato de segurança do Estado identifica uma série de grupos e atividades como uma ameaça à “segurança nacional”. As pessoas e as organizações estão visadas, até mesmo pacifistas confessos foram incluídos

na lista de pessoas vigiadas e alvo de algumas medidas repressivas. De acordo com o Serviço de Inteligência da Segurança Canadense (CSIS), em relatórios anuais, as atividades na década de 1990 foram direcionadas contra: a resistência nativa, os movimentos de direitos ambientais e animal, anti-pobreza, anti-globalização, anti-brutalidade policial, anti-racista, anarquista e grupos comunistas.

Com a ascensão dos coletivos como o First Nations Struggles, da ação direta contra as corporações, a nova militância e a força das lutas populares, o foco da mídia de massa e da participação de anarquistas em protestos anti-globalização, há também um crescente nível de vigilância policial e de repressão por parte do Estado.

É óbvia a necessidade de segurança em nossos movimentos, no entanto, é extremamente importante que não se caia na armadilha de usar as questões de segurança para evitar que novas pessoas possam participar dos movimentos.

Espalhar a desconfiança e a paranóia entre os ativistas do Panteras Negras e o Movimento Indígena Americano (AIM), foi um dos principais objetivos do Programa de Contra-Inteligência

do FBI (COINTELPRO). Evitando que novas pessoas pudessem integrar as lutas.

A cultura de segurança pode existir em um grande movimento, na verdade, é uma indicação da força de um movimento. Munir-se com o conhecimento sobre como o sistema funciona e como funciona contra os ativistas, é essencial na construção de uma cultura de segurança. O objetivo desta seção é de observar brevemente o trabalho de inteligência doméstica no Canadá. Desta forma, podemos entender melhor como evitar armadilhas deste tipo no mundo todo.

Uma visão geral das organizações de inteligência no Canadá

O Serviço de Inteligência da Segurança Canadense (CSIS) é provavelmente a mais conhecida das agências de “segurança” que lidam com “ameaças” de ativistas. Seu antecessor foi a divisão da Royal Canadian Mounted Police Security Service, (RCMP-SS). Em 1984, após a Comissão MacDonald sobre as atividades ilegais da RCMP, a agência de espionagem civil (CSIS) assumiu o trabalho de espionagem da RCMP. Dito isto, a RCMP não abandonou sua coleta de informações, pois a CSIS reúne somente informações de inteligência política.

A divisão da RCMP permitiu que a nova agência de espionagem fizesse legalmente o que a Polícia Montada vinha fazendo de forma ilegal. Em nível operacional, à nova agência foi concedida uma margem maior de

prestação de contas pública do que a Polícia Montada já teve.

A CSIS realiza uma ampla gama de atividades de investigação. Uma vez que não é uma agência de aplicação da lei e suas evidências não são usadas no tribunal, nada os impede de violar as poucas regulações que existem em relação a direitos de privacidade. Por exemplo, o CSIS não é obrigado a informar as pessoas, 90 dias depois de um grampo (ou escuta), ao contrário da RCMP.

Aos agentes que trabalham para o CSIS são permitidos, com “autorização”, para entrar nas casas das pessoas para “plantar” escutas, grampear telefones, verificar caixas de correio, inspecionar prontuários médicos, situação trabalhista e registros do governo, sem a necessidade de comunicar à pessoa investigada o que eles estão fazendo. A informação reunida por eles é usada para construir perfis e dossiês sobre os indivíduos, organizações, redes e outros coletivos. Essas informações também são repassadas para departamentos do sistema federal de segurança, que são responsáveis pela “aplicação da lei”, para se necessário, obter autorizações e garantias para uma apreensão legal (que pode ser posta como prova em tribunal).

O Serviço de Investigação de Segurança Nacional (INE) é o braço de aplicação da lei no Canadá. O Departamento Nacional de Investigação de Segurança (NSIS) é um departamento da polícia montada canadense. A maioria das grandes cidades de todo

o país têm um escritório NSIS incluindo Vancouver, Edmonton, Montreal, Ottawa e Toronto. Em Ottawa, o NSIS mantém uma base de dados sobre ativistas, imigrantes e os chamados “terroristas”.

Acredita-se que o NSIS de Vancouver tem entre 12 e 18 membros e que existam vários sub-grupos chamados de Equipe 1, Equipe 2, Equipe 3, ... E que possuem diferentes alvos de investigação. Eles utilizam informantes, agentes infiltrados, vigilância física pessoal (tocaia), vigilância eletrônica, incluindo escutas telefônicas, microfones implantados e outros meios de investigação.

A Segurança Nacional também tem outros recursos a sua disposição durante as operações de contra-insurgência. “Special O” é uma equipe de especialistas de vigilância que podem ser chamados para invadir casas, veículos e outras propriedades para fins de investigação. Entre outras coisas, instalam dispositivos de escuta, fotografam o interior de edifícios, etc.

Durante um longo caso de investigação em Vancouver, todos estes métodos de vigilância foram utilizados contra vários ativistas. Nas investigações, casas e veículos “grampeados” foram localizados por alguns alvos investigados. As escutas tinham grandes baterias conectadas, o que permite que sejam necessárias poucas substituições de equipamentos. O NSIS também visitou vários ativistas em todo o Canadá, na tentativa de questioná-los sobre pessoas e grupos visados na investigação.

O Communications Security Establishment (CSE) é uma agência do Departamento de Defesa Nacional, que está envolvida em diversas ações consideradas “secretas”. Embora o CSE não esteja tecnicamente autorizado a gravar as comunicações dos cidadãos, ele é conhecido por ser um parceiro no projeto Echelon, uma operação de monitoramento multinacional que está interligada com agências nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália e partes da Nova Zelândia na interceptação de comunicações de interesse mútuo, criando efetivamente uma rede de investigação global.

A Terrorist Extremist Section (TES Unit) é uma unidade anti-terrorista da Colúmbia Britânica. A Secretaria da RCMP conjunta entre Vancouver e Victória denominada Agência Contra o Crime Organizado (ex- Unidade de Coordenação da Aplicação da Lei), acredita-se que esta unidade emprega apenas dois ou três agentes.

A maioria dos ativistas estão intimamente familiarizados com as forças policiais da sua região. Esteja ciente que os policiais não aparecem somente em seus uniformes, mas frequentemente estão infiltrados na multidão para realizar atividades de investigação, seja individualmente ou em grupo, dependendo do caso. Eles “cuidam” das manifestações, gostam de aparecer para tirar fotos, fazer vídeos e incrementar a base de registros sobre as ações dos ativistas e grupos de ação. Fique atento, na maioria das vezes eles tentam infiltrar-se como “companheiros”.

O modelo de Contra-Insurgência

A maioria dos países ocidentais seguem um modelo de contra-insurgência desenvolvida por um especialista em inteligência, o britânico Kitson, que escreveu o documento “Operações de baixa intensidade, depois de muito trabalho de campo”. Ele abriu a evolução dos movimentos em três etapas:

Fase preparatória:

Quando o movimento é pequeno, tende a se concentrar na educação, publicações e atividades de base.

Fase Não-Violenta:

Quando o movimento fica maior, ganha volume e mobiliza grandes manifestações.

Fase de Insurgência:

Quando o movimento assumiu um caráter popular. Talvez, um componente de guerrilha mais assertivo possa surgir.

Kitson informa que o trabalho principal da agência de inteligência deve ocorrer durante a fase preparatória. É nesse momento em que os movimentos são mais vulneráveis, pois ainda não enfrentaram um nível de repressão elevado e consideram o tema da segurança como simples paranóia. Como eles não estão infringindo as leis, acreditam que é seguro se organizar de forma completamente aberta. A agência de inteligência é, portanto, capaz de explorar essas condições para desenvolver processos de investigação detalhados sobre uma série de

pessoas e essas informações serão extremamente valiosas mais tarde.

Atividades revolucionárias históricas e grupos importantes começaram como pequenos projetos que cresceram apesar da vigilância e repressão. Portanto, é importante a prática da segurança em todos os pontos do desenvolvimento do movimento. Agentes do Estado reúnem mais do que apenas “provas concretas”; eles também estão interessados em saber sobre as crenças políticas dos radicais. A polícia tenta controlar com medo, portanto não se deixe intimidar. Lembre-se: Se um agente vem batendo, não tente conversar.

Silêncio: Uma regra de ouro

Essa regra precisa ser enfatizada em nossos movimentos, ninguém tem a obrigação legal de fornecer à polícia mais informações do que o próprio nome, endereço e data de nascimento, e tudo isso somente no caso de uma prisão. E era isso! Se disser mais alguma coisa poderá comprometer sua segurança. Mesmo ao responder perguntas que parecem insignificantes, você pode ajudar a polícia a desenvolver perfis e avaliar comportamentos de uma série de ativistas. Poderá não servir como “prova”, mas será usado para dar a polícia “pistas” de outros suspeitos e construir evidências durante o processo judicial. A única resposta à polícia quando for preso, é dizer o seu nome, data de nascimento e endereço. Nada mais. Se os questionamentos persistirem, você pode simplesmente dizer: “Eu não tenho nada a dizer (exceto na presença do meu advogado)”.





Tudo o que você sempre quis saber sobre informantes e infiltrados



Infiltrados buscam informações na maioria dos grupos radicais. A retomada das mobilizações em massa e ações radicais nas manifestações anti-globalização, anti-pobreza, anti-racismo e anti-brutalidade policial, bem como as declarações de continuar lutando nas ruas e clandestinamente tem chamado a atenção da polícia secreta. Mais infiltrados são (e serão) enviados às nossas fileiras para tentar subornar, aliciar ou manipular as pessoas.

A extensão do que eles são capazes para se infiltrar em nossos grupos depende da nossa seriedade e responsabilidade em conhecer, promover e atuar dentro de uma cultura de segurança. Movimentos radicais podem aprender a identificar melhor os inimigos secretos em nossos projetos. Uma vez identificados, é necessário tomar medidas apropriadas para desfazer, conter, ou afastar o perigo.

Esta seção é destinada para abastecermos com informações sobre como identificar e lidar com informantes, agentes infiltrados e provocadores em nossos grupos e movimentos.

Quem é um informante?

Na verdade, existem dois tipos de informantes. O informante deliberado, é um agente secreto na folha de pagamento do governo ou da indústria. O segundo tipo é o ativista que virou informante. Esses tipos tentam se infiltrar em nossos grupos e são igualmente perigosos para os nossos movimentos. Vamos falar sobre os informantes deliberados em primeiro lugar. Muitas vezes são difíceis de identificar. Informantes podem ser de

qualquer idade e de qualquer perfil, mas eles têm alguns métodos ou operações perceptíveis, ou “modus operandi”.

Observe:

O tipo que fica em volta: são pessoas que aparecem regularmente nas reuniões e ações, mas geralmente não se envolvem. Eles recolhem documentos, ouvem conversas e observam quem é quem. Este papel de observação é relativamente inativo.

O tipo dorminhoco (ou adormecido): é semelhante ao *modus operandi* do que só fica em volta, exceto que sua absorção de informação é utilizada para facilitar o seu papel numa data posterior.

O tipo novato: apresenta um papel um pouco mais ativo, mas se limita ao trabalho menos proeminente. Eles não tomam iniciativas, mas o trabalho que eles fazem é valorizado. Isso os ajuda a construir uma sensação de confiança e credibilidade.

O tipo super ativista: eles surgem do nada e, de repente, eles estão por toda parte. Quer se trate de uma reunião, protesto, ou uma ação, essa pessoa vai estar bem no centro da atividade. Tenha em mente, porém, que isso também pode ser a marca de um novo ativista, cujo o entusiasmo e compromisso é tão forte que faça com que essa pessoa queira lutar contra o poder a cada minuto do dia ou da noite.

Deve ser dito que, com muitos desses *modus operandi*, o comportamento é difícil de distinguir do envolvimento de uma pessoa sincera. Como podemos diferenciá-los? Bem, um agente infiltrado vai fazer um monte de perguntas sobre os grupos de ação direta, os indivíduos e as atividades ilegais. Ele pode sugerir alvos e ser voluntário para fazer o reconhecimento de locais, bem como tomar parte na ação. Infiltrados também tentam construir perfis sobre os indivíduos, as suas crenças, hábitos, amigos e fraquezas. Ao mesmo tempo, infiltrados protegerão seu verdadeiro “eu” de outros ativistas.

Qualquer um que faz um monte de perguntas sobre ações diretas não é necessariamente um infiltrado, mas é alguém com quem você deve ter cuidado. No mínimo, eles precisam ser informados sobre questões de segurança. Novos ativistas devem entender que as táticas de ação direta podem ser arriscadas (apesar de alguns riscos valerem a pena!) e que fazer um monte de perguntas põe em perigo as pessoas. Se a pessoa persiste em fazer perguntas, existe um problema e devem ser tomadas medidas apropriadas. Ativistas que não conseguem entender as necessidades de segurança devem ser evitados e mantidos longe do movimento.

Alguns tipos de infiltrados ficam em segundo plano e oferecem suporte material para outros informantes que podem não ter nada a ver com o grupo ou ação, mas que inicialmente ouviu determinados planos e avisou a polícia. Entre os tipos mais ativos de infiltrados pode estar uma pessoa sociável que rapidamente ganha a confiança do grupo. Alguns infiltrados tentarão ganhar as principais formas de controle, tais como comunicações, secretariado, ou finanças. Outros informantes podem usar o charme e o sexo para ficar íntimos de ativistas e dessa forma, espiar ou desestabilizar as dinâmicas do grupo.

Infiltrados ativos também podem ser provocadores especializados em táticas de ruptura tais como a desordem nas atividades de organização, reuniões desmotivadoras ou expondo as pessoas do grupo, aumentando os conflitos, sejam eles interperso-

ais, sobre a ação ou teoria, ou ainda empurrando as coisas “no grito” e com propostas violentas. Infiltrados muitas vezes precisam construir credibilidade, eles podem fazer isso, alegando ter participado de ações passadas.

Além disso, infiltrados tentarão explorar as sensibilidades de ativistas sobre a opressão e diversidade. Organizações de inteligência enviarão alguém que vai se passar por uma pessoa que está experimentando a opressão comum daquele grupo de ativistas em particular. Por exemplo, na década de 1960, o Weather Underground (“Weathermen” – uma luta armada anti-imperialista branca nos EUA) foi invadido por um informante “João Ninguém” com uma imagem de ativista da classe trabalhadora. Veteranos da guerra civil negra norteamericana se infiltraram no Movimento dos Panteras Negras.

Um recente exemplo de táticas de infiltração e manipulação de policiais é a do Germinal, um grupo que foi alvo de prisões dois dias antes das manifestações de abril de 2001 contra a ALCA na cidade de Quebec. Cinco meses antes, a polícia criou uma empresa de transporte falsa e colou cartazes de oportunidades de emprego na vizinhança de um membro do Germinal à procura de emprego.

A armadilha funcionou. Avisados por um informante, dois policiais à paisana trabalharam por quatro meses no grupo. Esta operação resultou na mídia sensacionalista como “desmantelamento” do grupo na véspera da reunião da cúpula. Sete membros do Germinal foram presos, cinco dos

quais passaram 41 dias em prisão preventiva, apenas para ser liberados sob condições duríssimas de fiança.

A ação secreta da polícia foi em parte para o desmantelamento do grupo, mas também foi para a criação de uma campanha de propaganda na mídia para justificar segurança de estado policial contra a reunião de cúpula.

Verificação de antecedentes - Uma ferramenta essencial

De que forma podemos afirmar que alguém é um informante? Em primeiro lugar, a menos que tenha razões ou evidências de que alguém é um infiltrado de fato, espalhar boatos irá prejudicar o movimento. Rumores que você ouve devem ser questionados e rastreados.

Os antecedentes de uma pessoa podem ser analisados, especialmente sobre ativismo que ela alega ter participado, em outros lugares. Os seus contatos nesses locais sabem da pessoa, o seu envolvimento? Será que apareceram problemas em algum momento? Uma vantagem importante de ter ligações com lugares distantes é que torna mais difícil para os informantes fabricar afirmações sobre suas atividades.

Quais são os meios de vida de uma pessoa? Quem é ela ou seus amigos? Que tipo de contradições existem entre os seus ideais professados e como elas vivem? Um dos nossos pontos fortes como ativistas é as nossas idéias e valores, nossa contracultura,

nossas atitudes perante a sociedade dominante. Nossa sinceridade em discutir esses assuntos também é uma forma de aprender sobre o outro.

Quando estiver planejando novas ações, você deve tomar cuidado a respeito de quem se aproxima. Tão pouco quanto possível deve ser dito sobre o plano de ação real até que a filosofia política das pessoas, ideias sobre estratégia, e níveis de risco que estão dispostos a engajar tenham sido discutido de uma forma abstrata. Se houver uma base sólida para acreditar essas pessoas possam estar interessadas na ação, então uma ideia geral da ação pode ser passada para elas. Só quando eles concordarem em participar, é que eles vêm ao grupo para discutir os detalhes da ação.

Durante as investigações de ativistas, a polícia muitas vezes revela os tipos de informações que reuniram a respeito de nossos grupos e atividades. Observe que encaminhamentos são tirados dos encontros e reuniões. Quais são as possíveis e prováveis fontes de informação? Fale com pessoas que foram presas e interrogadas para ver o que elas podem ter dito para a polícia, ou mesmo assuntos discutidos em sua cela.

Colocar agentes infiltrados em movimentos revolucionários e de justiça social é uma prática estabelecida. Foi feito com os Panteras Negras, AIM, Frente de Libertação de Québec (FLQ), e aos movimentos a favor da paz, anti-guerra e anti-nucleares em grande escala. Pequenos grupos tais como grupos de afinidade, ou grupos

de trabalho de organizações maiores e mais abertas, precisam ter um cuidado especial com os novos membros. Organizar uma ação direta é idealmente feito com antigos membros pessoas de confiança da comunidade ativista.

Isso não significa que ninguém mais poderá entrar nesses grupos. Pelo contrário, se é para o movimento continuar a crescer então novas pessoas devem ser bem vindas e recrutadas. Nós só precisamos ter segurança em mente e seguir exercitando o cuidado em todos os momentos.

O informante involuntário

Possivelmente uma ameaça ainda maior aos nossos movimentos, mais do que o agente secreto, é o ativista que se transformou em informante, inconscientemente ou por meio de coerção.

O informante involuntário é o ativista que não consegue manter a boca fechada. Se alguém se gaba para você sobre o que eles fizeram, certifique-se essa pessoa não tem qualquer conhecimento que possa incriminá-lo, porque mais cedo ou mais tarde, uma pessoa errada poderá ouvir. Esses ativistas não pretendem fazer o mal, mas o seu “bla bla bla” pode ser muito prejudicial. É sua a responsabilidade de instruir essas pessoas sobre a importância da cultura de segurança.

O outro tipo de ativista informante é a pessoa que cede sob pressão e começa a falar para salvar sua própria pele. Muitos ativistas são arrastados

para situações que não são capazes de lidar, e alguns estão tão envolvidos na “emoção” que ou não percebem as consequências que podem haver, ou eles simplesmente acham que nunca terão que enfrentá-las.

Tenha em mente que as categorias de “informante infiltrado” e “ativista que virou informante” podem ser confundidas. Em 1970, durante o auge das atividades da FLQ, Carole de Vault, uma jovem ativista do Partido de Québec (PQ), juntou-se ao FLQ, mas, em seguida, tornou-se uma agente paga pela polícia. Seu “ativismo” estava com o PQ: ela discordou das ações mais pesadas da FLQ, uma vez que ameaçavam o trabalho “legítimo” do PQ. Seu envolvimento com a FLQ foi ser infiltrada como uma informante da polícia.

Conheça seus limites

Nós temos que saber as possíveis consequências de cada ação que tomamos e estar preparados para lidar com elas. Não há vergonha em não ser capaz de fazer uma ação por causa das responsabilidades ou circunstâncias que impossibilitem que você pare tudo neste momento da vida para cumprir um tempo na prisão. Enquanto o capitalismo e todos seus malefícios existirem, haverá resistência. Em outras palavras, haverá uma grande abundância de ações para você participar quando as suas circunstâncias de vida forem mais favoráveis.

Se outros dependem de seu sustento, se você não está disposto a perder seu emprego, tampouco desistir da

escola ou arruinar sua carreira futura, **NÃO FAÇA PARTE DA AÇÃO**. Se você é viciado em uma droga ilícita ou tem longos antecedentes criminais, a polícia vai usar isso para pressioná-lo e obter informações. Se você não se sente capaz de se desintoxicar sob interrogatório ou violência, se não se sente capaz de cumprir muito mais tempo de pressão do que seus companheiros, **NÃO FAÇA PARTE DA AÇÃO**.

Certifique-se de falar com outros em seu grupo de afinidade, sobre situações que deixam você em dúvida se você deve estar envolvido em ações específicas, especialmente aquelas que tem alto risco de serem criminalizadas.

Lembre-se não há desculpa para entregar companheiros para o polícia, mesmo se for algum daqueles ativistas que efetivamente saíram dos nossos movimentos. Não devemos oferecer nenhum apoio legal ou prisional para ativistas que entregaram outros, pois o seu impacto em nosso movimento é de grande alcance e pode ter efeitos devastadores.

Ações secretas que não sejam infiltrados

Ação secreta (ou “especiais”) da polícia e do serviço secreto também é feita fora do grupo, com ou sem infiltração. Estes esforços incluem: intimidação e assédio, chantagem e manipulação, propaganda, denunciar aos empregadores, criação de pontos de fiscalização e verificações de segurança (blitz), bem como sabotagem, roubo e incêndios.

Intimidação e assédio podem incluir visitas de agentes do serviço secreto, chamando você ou o seu parceiro pelo seu primeiro nome na rua, coletando informações onde pistas óbvias que são deixadas. A polícia tentará chantagear pessoas se eles quiserem recrutar-las ou neutralizá-las.

A polícia usa propaganda numa tentativa de “criar um clima”, envenenar a atmosfera, manipular a mídia e a opinião pública. Em dezembro de 1971, quando o FLQ estava perto do seu fim e completamente infiltrado, a RCMP emitiu um falso comunicado do FLQ em nome da célula “minerve”. O Comunicado adotou uma posição do tipo linha-dura, denunciando o abandono da ação terrorista por um ativista conhecido, Pierre Vallières, e pedindo a continuação da luta armada.

Em Gênova, Itália, a polícia desempenhou secretamente um papel bastante ativo na tentativa de desacreditar os anarquistas do Black Block durante a reunião de julho 2001 do G8. Vários relatos revelaram que a polícia italiana

mascarada como membros do bloco, atacaram manifestantes e pequenas lojas. Com a falta de informação do público, a polícia ajudou a manipular o debate na mídia segundo as linhas de “como tornar manifestantes legítimos em isolados bandidos que se comportam como disfarçados de ativistas?”

Propaganda caluniosa pode assumir a forma de cartas anônimas, ou rumores que visam a meio ativista. Há também exemplos em que a polícia vai fazer acusações esporádicas e sem informações seguras aos jornalistas, dois exemplos, uma pessoa é um traficante de drogas, ou alega que uma pessoa apontou uma arma contra um policial durante uma manifestação. Muitas vezes, por razões caluniosas, os policiais acusam ativistas de “posse de armas” por ter um canivete ou acusam os ativistas de serem violentos, e chamam isso de “agressão”.

O crescimento do movimento antiglobalização tem sido acompanhado por uma nova propaganda anti-anarquista por parte das autoridades. Políticos e a polícia tentam massagear a opinião pública, preparando as pessoas para a repressão, a fim de legitimar o uso de métodos mais pesados de controle social, exclusão e repressão.

Desinformação manipuladora transmitida pela mídia precisa ser denunciada como mentira. Existem advogados favoráveis ao ativismo que podem nos ajudar a exigir retrações e correções. Falar com os jornalistas envolvidos, acusá-los de seu trabalho desleixado, desonesto, expor sua hipocrisia, e reclamar com a comissão de ética da

imprensa. Não podemos confiar na mídia capitalista privada para qualquer tipo de justiça.

É valioso para nós saber mais sobre as ações secretas da polícia. Existe uma história longa e documentada. Informações factuais sobre atividades secretas da polícia também servem como provas se apresentadas no tribunal. Uma importante parte, muitas vezes negligenciada, da nossa força é o nosso conhecimento sobre a ação da polícia contra nós, e de nossa proteção contra isso.



Agindo contra informantes: considerações e alternativas

(Tirado do livro PROTEGENDO-SE CONTRA A REPRESSÃO DO ESTADO: UM MANUAL PARA ATIVISTAS REVOLUCIONÁRIOS. Publicado em 1984 por Anti-Repression Resource Team - Jackson, Mississippi)

Se o pessoal da segurança de um grupo tiver suspeitas sobre um membro ser um informante ou agente provocador, é útil para o grupo decidir determinadas questões, antes e depois da investigação:

(A) Quão importante é pra você saber se a pessoa é um agente ou não? Claramente, se a pessoa sob suspeita é relativamente significativa para o funcionamento do grupo, então a liderança deve saber de um jeito ou de outro. Quanto mais importante a pessoa sob suspeita é para o grupo, mais intensa a investigação deve ser. Podemos sugerir métodos de investigação que são pouco ortodoxos e de certo ponto de vista, moralmente inaceitáveis. Mas a questão é sempre o quanto o grupo precisa saber. Não há necessidade do grupo utilizar todos ou qualquer um dos métodos que descrevemos. Mas, sob a condição que a informação correta é uma questão de vida ou morte para o grupo, certas medidas drásticas podem ser justificadas.

(B) O que será feito se a informação não for conclusiva? Muitas vezes, a evidência não é suficiente para confirmar que alguém é um agente da polícia, mas há provas suficientes para confirmar certas suspeitas. Uma

grande parte dependerá do que está em jogo com a pessoa sob suspeita.

Em geral, as escolhas chegam até:

- 1) rotular a pessoa como risco de segurança e agir de acordo;
- 2) não fazer nada externamente, mas continuar a investigação;
- 3) isolar a pessoa de trabalhos confidenciais, mas mantê-la no grupo;
- 4) realizar um estágio avançado de investigação.

(C) O que será feito se a pessoa for um agente? Enquanto o senso comum dita que a pessoa seja exposta e cortada do grupo, outras ações podem ser iniciadas. Se a presença de agente é uma ameaça real para o grupo, então o agente deve ser neutralizado de uma forma eficaz. Geralmente, a ampla exposição do agente deve realizar uma neutralização eficaz. Mas se o agente não é uma grande ameaça ao funcionamento do grupo, se ele permanecer dentro pode ser útil para outros fins.

O grupo pode decidir que prefere manter o agente, ao invés de arriscar sem saber quem iria substituir. Se o agente não está em uma posição sensível, poderá ser monitorado e isolado de um trabalho importante, o grupo pode querer manter tal agente em um

baixo nível organizacional. Ou podem ser determinadas tarefas ao agente que parecem ser importantes, mas, que na realidade, não são cruciais para o grupo.

Sob a fachada de estar fazendo um trabalho “confidencial” ou importante, informações falsas e semi-falsas sobre o grupo pode ser retransmitida para as agências de inteligência que o agente pertence. Ou talvez determinadas informações, que na realidade são verdadeiras sobre o grupo, pode ser deliberadamente desacreditadas pela criação de pseudo-eventos ou informações falsas. Lembra-se que, quando as agências de inteligência têm uma grande quantidade de informações contraditórias, isso diminui a sua capacidade de agir decisivamente em relação ao grupo.

(D) Quais são as responsabilidades com outros grupos, sobre ter conhecimento sobre um informante? Se o grupo toma a decisão de cortar com o agente de ligação é certamente da responsabilidade do grupo entrar em contato silenciosamente com a liderança em outros grupos para avisá-los sobre o agente. Frequentemente exposição pública é feita através do jornal do grupo, newsletter, revista, e neste caso, a notícia deve ser enviada para uma ampla variedade de grupos. O problema mais urgente é a instância onde existem apenas suspeitas, mas não uma prova decisiva.

A experiência tem demonstrado que as suspeitas são levadas a sério apenas quando há um vínculo político entre pessoas com longa experiência

no movimento. Pessoas que têm estado no movimento por um longo tempo, e que conhecem uns aos outros, que têm sido acreditadas como pessoas dedicadas ao movimento, podem transmitir suas suspeitas, de que há um agente infiltrado, e terão uma audiência favorável ou serão prontamente acreditadas. Esta “antiga rede de confiança” é relativamente independente do ponto de vista político; líderes veteranos de organizações radicais rivais podem livremente e facilmente trocar informações quando se trata de segurança.

Seus

1 – VOCÊ NÃO TEM QUE FALAR COM A POLÍCIA OU INVESTIGADORES.

Você não tem que falar com eles na rua, se você foi detido, ou mesmo se estiver na prisão. Não fale sobre ações ilegais com outros internos, pois eles podem estar infiltrados.

2 – VOCÊ NÃO DEVE DEIXAR QUE A POLÍCIA OU PERITOS ENTRAREM NA SUA CASA OU ESCRITÓRIO A NÃO SER QUE TENHAM UM MANDADO DE BUSCA E APREENSÃO.

Exija o mandado. Ele deve descrever especificamente o lugar a ser procurado e as coisas a serem apreendidas. Ele deve ser autorizado por um juiz e deve conter uma assinatura.

3 – SE A POLÍCIA APRESENTAR UM MANDADO VOCÊ, NÃO TEM QUE DIZER A ELES NADA ALÉM DE SEU NOME ENDEREÇO E DATA DE NASCIMENTO.

Cuidadosamente observe os policiais: você está na sua casa não é necessário que você fique em um cômodo. Você deve anotar o que eles estão fazendo, os seus nomes, números de identificação, e de onde eles são. Tenha amigos presentes, podem ser testemunhas. É arriscado deixar policiais vagando sozinhos na sua casa.

4 – SE A POLÍCIA TENTAR QUESTIONAR VOCÊ OU TENTAR ENTRAR NA SUA CASA SEM UM MANDADO APENAS DIGA NÃO.

Os policiais são muito habilidosos em coletar informações das pessoas, então a tentativa de despistá-los é muito arriscada. Você não pode imaginar como uma informação que parece inofensiva pode machucar você ou mais alguém.

Direitos

5 – QUALQUER COISA QUE VOCE DISSER PARA A POLÍCIA PODERÁ SER USADO CONTRA VOCÊ E OUTRAS PESSOAS.

Uma vez que você tenha sido detido, você não pode “falar” para sair de lá. Não tente falar com policiais ou dialogar em resposta a acusações.

6 – VOCÊ NÃO TEM QUE REVELAR SOBRE SUA CONDIÇÃO DE SAÚDE (HIV) PARA A POLÍCIA OU FUNCIONÁRIOS DA PRISÃO.

Se você foi detido você deve se recusar a fazer um exame de sangue a não ser que você tenha sido levado à frente de um juiz e tenha um advogado de sua escolha.

7 – VOCÊ TEM O DIREITO DE LIGAR PARA UM ADVOGADO DE SUA CONFIANÇA ASSIM QUE POSSIVEL.

Isso é depois que você foi detido/preso, acusado e fichado. Isso não significa, no entanto, que será dado a você o direito de falar com sua família e amigos. Isso é deixado a critério do policial envolvido no seu caso.

8 – MENTIR PARA A POLÍCIA É UM CRIME.

9 – SE VOCÊ ESTÁ NERVOSO SOBRE SIMPLEMENTE SE RECUSAR A FALAR, VOCÊ PODE ACHAR MAIS FÁCIL FALAR PARA ELES QUE ENTREM EM CONTATO COM O SEU ADVOGADO.

Uma vez que um advogado está envolvido, pessoas saberão mais sobre o seu estado, acusações, fiança, data de julgamento, etc.

“Se nós queremos que nossos movimentos de ação direta continuem, é fundamental que comecemos a reforçar nossa segurança e a nos levar mais a sério. Agora é o momento de adotar uma cultura de segurança. E uma boa segurança é certamente a melhor defesa que temos.”

